

CASA DA PONTE: CUIDANDO DA TRAVESSIA

Marleth Reis Alves¹, Reinaldo Reis Alves²

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 24)

RESUMO

Neste ensaio, apresentamos a história da Casa da Ponte, criada em 2018, na Zona Oeste da cidade de São Paulo, para atender pessoas que precisam de apoio emocional, espiritual e/ou físico, congregando espiritualidade, cuidado e atividades artísticas a partir de conhecimentos ancestrais, conhecimento científico e do saber da experiência transmitido pela cultura. Destacamos algumas dessas experiências, carregadas de um saber popular que remonta às culturas dos povos indígenas, negros e a alguma coisa trazida pelos migrantes. Todos esses elementos compõem o que chamamos de alicerces de fundação da Casa.

Palavras-chave: Espiritualidade. Cuidado. Ancestralidade. Saber da Experiência.

1 Artista, pedagoga, gestora cultural, produtora, diretora de teatro, professora, terapeuta corporal e idealizadora e gestora da Casa da Ponte. Graduada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, formada em Direção pela Escola Livre de Teatro de Santo André e em Gestão Cultural pelo CPF Sesc. E-mail: marlethreis@gmail.com.

2 Arte-educador, professor, editor, artista e diretor na Editora Cosmos. Graduado pela Faculdade de Belas Artes de São Paulo, pós-graduando em Filosofia, Educação e Cultura pela na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. E-mail: reinaldo@editoracosmos.com.br.

ABSTRACT

In this essay we present the story of “Casa da Ponte”, created in 2018 in the west zone of São Paulo to serve people in need of emotional, spiritual and/or physical support. Bringing together spirituality, care and artistic activities based on ancestral knowledge, scientific knowledge and the knowledge of experience transmitted by culture. We highlight some of these experiences, those which carry popular knowledge that goes back to the cultures of indigenous peoples, black people and somethings brought by migrants. All these elements make up what we call the foundation that were important in the creation of “Casa da Ponte”.

Keywords: Spirituality. Care. Ancestry. Knowledge from Experience.

TRAVESSIA

Nós, a Casa da Ponte, localizada na Zona Oeste da cidade de São Paulo, somos uma casa de reza, de benzimento, que busca, através da espiritualidade, de terapias integrativas e atividades lúdicas e artísticas, ajudar no cuidado da alma humana. Nascemos da junção de conhecimentos ancestrais, que foram transmitidos por nossos antepassados e chegaram até nós, principalmente, por meio da oralidade, do conhecimento científico e do saber da experiência. Também realizamos e recebemos projetos culturais e gerenciamos uma livraria que busca subsidiar as pessoas que frequentam a Casa com obras relacionadas às atividades desenvolvidas no espaço, com temas de arte e cultura.

Nosso trabalho foi sendo construído a partir de conceitos que foram dando o sentido, o caminho, a direção, e que tem como ponto de chegada o acolhimento, o sistema vida. Buscamos ajudar as pessoas a constituir o bem-viver, a estarem e ficarem de bem consigo e com os outros. Procuramos contribuir para o desenvolvimento da autonomia, da liberdade, da capacidade de tomada de decisão, moral e política, nas variadas dimensões da vida. Trabalhamos a integralidade humana, ou seja, ter saúde em todas as dimensões, físicas e espirituais. O primeiro conceito é *espiritualidade*, que entendemos como

aquela atitude que coloca a vida no centro, que defende e promove a vida contra todos os mecanismos de diminuição, de estancamento e de morte. O oposto ao espírito, nesse sentido, não é corpo, mas a morte e tudo o que estiver ligado ao sistema da morte, tomada em seu sentido amplo, de morte biológica, morte social e morte existencial (fracasso, humilhação, opressão). (BOFF, 1999, p. 131)

Provavelmente nunca houve, na história da humanidade, um momento como o atual, no qual a somatória de conflitos, guerras, problemas climáticos, pandemias, rápidas mudanças tecnológicas e sofrimentos individuais e coletivos, colocasse o *fim do mundo* como algo próximo e real. Desse modo, faz todo sentido para nós, da Casa da Ponte, ter a dimensão do cuidado como princípio, fundamento da Casa. O *cuidado* é o segundo conceito importante:

O cuidado é exigido em praticamente todas as esferas da existência, desde o cuidado do corpo, da vida intelectual e espiritual, da condução geral das coisas até ao se atravessar uma rua movimentada, como já observava o poeta romano Horácio, o cuidado é aquela sombra que nunca nos abandona porque somos feitos da matéria do cuidado. Hoje dada a crise generalizada seja social seja ambiental, o cuidado torna-se imprescindível para preservarmos a integridade da Mãe Terra, para mantê-la habitável e assim salvaguardar a continuidade de nossa espécie e da civilização humana. (BOFF, 2012)

Olhando em perspectiva, buscando nas nossas memórias e nas nossas histórias, percebemos que essa “sabedoria do cuidado”, tão importante “para ouvir as partes, favorecer o diálogo e buscar convergências” (ibidem), foi sendo transmitida pelos nossos antepassados, nossos ancestrais e chegou até nós através dos saberes da experiência, da cultura. E a Casa da Ponte se coloca a serviço, na continuidade desse fluxo, desse movimento de aprender com o saber da tradição, articulando as experiências, os saberes populares, individuais, coletivos e acadêmicos, para atingir o bem comum.

O terceiro conceito, a *ancestralidade*,

é mais que uma reflexão, ancestralidade é um princípio filosófico que rompe os muros da academia e chega até a cadeira de sua avó ou de seu avô como voz de sabedoria que conta através de suas oralituras — leituras de oralidade — a compreensão da sua existência. (RIBEIRO, 2020)

A Casa é, em certa medida, o resultado dessa derrubada dos muros. Aprendemos a lidar, respeitar e acolher todos esses conhecimentos que vão chegando pelas vozes dos mais velhos, dos sábios que existem em todas as comunidades. Toda nossa reverência aos que vieram antes de nós e nos legaram esses ensinamentos que são como bússolas, nos ajudam a viver em bases melhores em relação ao que foi vivido anteriormente. É

um mapa importante que não devemos prescindir no sistema vida. Acreditamos que isso ficará mais evidente quando narramos as experiências de duas pessoas que são centrais no projeto da Casa. Mas antes, é preciso apresentar o quarto conceito, o *saber da experiência*, que é

o que se adquire no modo como alguém vai respondendo ao que vai lhe acontecendo ao longo da vida e no modo como vamos dando sentido ao acontecer do que nos acontece. No saber da experiência não se trata da verdade do que são as coisas, mas do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece. E esse saber da experiência tem algumas características essenciais que o opõem, ponto por ponto, ao que entendemos como conhecimento. Se a experiência é o que nos acontece e se o saber da experiência tem a ver com a elaboração do sentido ou do sem-sentido do que nos acontece, trata-se de um saber finito, ligado à existência de um indivíduo ou de uma comunidade humana particular; ou, de um modo ainda mais explícito, trata-se de um saber que revela ao homem concreto e singular, entendido individual ou coletivamente, o sentido ou o sem-sentido de sua própria existência, de sua própria finitude. Por isso, o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. (LARROSA BONDÍA, 2002, p. 27)

Na sequência iremos narrar algumas experiências que nos enriqueceram e nos proporcionaram importantes aprendizados, que foram sendo assimilados e reconfigurados até ganhar a dimensão da Casa da Ponte.

NARRATIVAS DA TRAVESSIA

São essas experiências, e não outras, que nos constituem enquanto Casa, por isso vamos apresentar um pouco da nossa história, dos elementos que formam o que consideramos as fundações que sustentam este projeto.

Nossa infância foi rica em cuidados, encantamentos e mistérios, apesar dos desafios, dificuldades e problemas. Era algo comum para nós as curas com chás e benzimentos realizados por nossas avós baianas, mulheres que poderiam ter saído da obra *Torto Arado* (VIEIRA JR., 2019). Com um ramo de arruda em mãos e na memória orações quase cantadas, deram sequência à herança milenar dos povos indígenas, negros e a alguma coisa de europeus, nos curaram de uma série de males como *mau-olhado*, *bucho virado*, *olho-gordo*, *erisipela* e outros.

Um momento importante dessa trajetória foi quando nossos pais descobriram e passaram a frequentar a casa do senhor Manoel, localizada na favela do Buraco Quente, Zona Sul de São Paulo. Ele era um curador, benzedor e espiritualista que atendia as pessoas usando como recurso uma fita de cetim e uma pequena pedra marrom achatada, que cabia na palma da mão. Mesmo sem saber ler e escrever, durante as sessões ele performava com “letra de médico”, psicografava, como se o mundo espiritual descrevesse a situação do paciente. Receitava chás, banhos, orientava sobre mudanças na alimentação, nas atitudes, posturas, tudo em benefício da cura e do bem-estar das pessoas. Do livramento dos males físicos aos espirituais, sempre pedia para as pessoas retornarem, confirmando se dera certo, se o problema fora resolvido e, em caso positivo, trazer um maço de velas brancas. A única coisa que ele pedia em troca do atendimento.

O senhor Manoel, durante a semana, vivia do trabalho de catador de papel e nos finais de semana, com uma roupa branca, a exemplo de um médico, cuidava de uma enorme fila de pessoas que, através do boca a boca, se dirigiam por vielas apertadas e chão de terra, até chegar a um barraco grande que se destacava pelo tamanho, em relação aos demais daquela comunidade. Era um barraco de madeira todo pintado de azul, com quintal separado por um muro também de madeira e alguns cachorros, que ele recolhia da rua para proteger e cuidar. Sua casa era algo fora dos padrões do lugar, das casas pequenas, amontoadas e sem espaço, quase a dizer que não importa onde você mora: dignidade, espaço e privacidade são fundamentais, mesmo que a edificação seja de madeira. Tinha uma preferência especial pela festa do Natal, se preparava para ceia de um modo muito peculiar: colocava a sua melhor roupa, arrumava a mesa com doze pratos, representando os doze apóstolos, não havia carnes, apenas pães, frutas e outros alimentos típicos da época. Por anos nossa família reproduziu essa prática.

A relação com o senhor Manoel perdurou por mais de dez anos, o que começou com uma busca por ajuda se transformou em amizade e cuidado mútuo repleto de aprendizados. Meses antes do seu falecimento, conhecemos Dona Conceição: profetiza, aconselhadora espiritual e benzedeira. Quando houve esse encontro, ela atendia as pessoas em sua casa, depois que retornava do trabalho, no bairro Jardim D’Abril, Zona Oeste de São Paulo, bem na divisa com Osasco.

Depois de um tempo, já com filhos crescidos, ela passou a se dedicar em tempo integral a essa atividade. Também lá, em frente a sua casa, se formava uma grande fila de pessoas, onde cada uma aguardava, na rua, a sua vez de ser atendida. Muitas vezes os atendimentos se estendiam até a madrugada. Também aqui, na experiência da Dona Conceição, era o boca

a boca que divulgava o ofício dessa mulher religiosa, fazendo chegar a outras localidades o conhecimento do seu trabalho. Não é raro ver pessoas vindas de outras regiões do Brasil e de outros países para receber suas bênçãos. Ela nasceu em Sabinópolis, Minas Gerais, mas já adolescente veio construir sua vida em São Paulo.

Além dos benzimentos para livrar as pessoas dos encostos, energias ruins, questões de saúde, de relacionamento, realizava orientações, aconselhamento sobre praticamente todos os assuntos: emprego, saúde, família, amor, política etc. Ela também faz uma festa, todos os anos, no dia 25 de dezembro, a festa do Natal, para pessoas que vivem sozinhas, que não têm mais família ou que até têm família, mas não se dão bem. Ela diz que faz a festa para as pessoas não passarem essa data especial isoladas, sem companhia. Segundo Dona Conceição, o Natal é uma festa para passar, comemorar com outras pessoas. Também é o coroamento do trabalho que realiza durante o ano. As pessoas que são ajudadas retribuem fazendo doações, e assim ela consegue realizar a festa de Natal, distribuindo cestas básicas, brinquedos e roupas. E ainda oferece o tradicional almoço comunitário para todos que vierem. No final da festa, ela distribui um bolo e diz para fazerem um pedido para o ano seguinte, que se realizará.

Depois de um tempo de convivência, passamos a contribuir com o trabalho realizado por Dona Conceição, inicialmente organizando um Auto de Natal que era apresentado na festa natalina. Reuníamos artistas e amigos para encenar o nascimento do menino Jesus, fazíamos um pequeno cortejo no bairro com o desfecho em frente à casa dela, ponto alto da festa. Vez ou outra ela dava um jeito de colocar uma criança da comunidade para interpretar o menino Jesus.

Levamos Dona Conceição ao Museu da Pessoa³ para contar a sua história de vida. Entendíamos que era importante deixar registrado o seu legado e o seu trabalho de benzedeira e profetiza. Essa narrativa de experiência foi importante para constituir a consciência que temos hoje, enquanto Casa da Ponte, sobre o trabalho da cultura do cuidado e reza.

Em 2016 fomos provocados a colaborar com o documentário *Toda Reza*, do Coletivo Urucum⁴, que estreou simultaneamente em São Paulo, no espaço Itaú Cultural, e em Salvador, nos Espaços Culturais da Secretaria de Cultura da Bahia. O documentário relata a história de seis mulheres que exercem o ofício da cura, mostrando as suas crenças e tradições. E

3 A entrevista está disponível no site do Museu da Pessoa: <https://museudapessoa.org/historia-detalle/?id=32019>.

4 Coletivo Urucum: Facebook <https://www.facebook.com/urucumcoletivo/>; Instagram <https://instagram.com/coletivourucum>.

assim fomos ampliando a consciência sobre o trabalho das benzedeadas, o legado, a importância e a forma de cuidar das pessoas. Nesse mesmo ano, foi a vez de materializar em livro um projeto que Dona Conceição vinha preparando desde o ano 2000, quando recebeu o anúncio, como ela explica: “recebi por inspiração divina mensagens importantes sobre uma série de assuntos que preciso revelar. Profecias para um período de sessenta anos, dirigidas a toda a humanidade”. Esse projeto virou o livro *Mensagens proféticas* (FIGUEIREDO, 2015), publicado pela Editora Cosmos⁵, em parceria com a Ponte Produções⁶.

Foi por volta dos anos 2000 que percebemos o início de uma importante mudança no trabalho da Dona Conceição, ela passou a canalizar mensagens para comunicar às pessoas informações sobre grandes desafios que a humanidade passaria a enfrentar, caso não houvesse mudança de comportamento. Alertas sobre o meio ambiente, catástrofes, conflitos, problemas comportamentais de saúde etc.

Dona Conceição⁷ alertou sobre mudanças climáticas graves, aumento da temperatura da Terra, problemas com alimentação e com as crianças, a questão tecnológica, entre outros temas, bem antes de alguns deles passarem a ser conhecidos. Segundo Dona Conceição, a humanidade precisa fazer uma mudança de rumo, do contrário os problemas serão enormes. Ela explica: “Acho que Deus quer que as pessoas tomem mais cuidado com o meio ambiente, cuidar das nascentes, evitar poluir o mundo” (ibidem, p. 53). E continua: “Isso não é um castigo de Deus, é consequência dos nossos atos mesmo. A gente mexe muito com a natureza” (ibidem).

Tratava-se de uma ação diferente dos atendimentos de orientação e reza para pessoas e grupos que realizava, e já haviam se passado alguns anos desde que ela recebera as primeiras mensagens, mas ainda não conseguira comunicá-las. Necessitava de auxílio para transmitir a mensagem para mais pessoas. A necessidade dela era algo que fazia, de alguma forma, parte da nossa área de atuação, pois, sincronicamente, nesse período havíamos criado a Produtora Ponte e a Editora Cosmos, ambas as empresas surgidas dentro da nossa família, concebidas pelos irmãos: a Ponte Produções, por Marleth Reis; a Editora Cosmos, por Reinaldo Reis Alves,

5 A Editora Cosmos desenvolve alguns projetos editoriais em parceria com a Casa da Ponte e publicou dois livros de Dona Conceição. <https://www.facebook.com/editora-cosmos>, https://www.instagram.com/editora_cosmos/.

6 Produtora que havíamos criado para trabalhar no segmento cultural e que foi importante nessas ações com Dona Conceição. Posteriormente, esse projeto deixou de existir para dar lugar à Casa da Ponte: <https://www.instagram.com/casadaponte105/>

7 Importante dizer que essas previsões foram feitas por volta do ano 2000 e algumas dessas revelações já estavam acontecendo quando o livro foi publicado em 2015.

Sergio Reis Alves e Angela Maria Damaceno. O projeto do livro de Dona Conceição foi um dos primeiros trabalhos das empresas-irmãs, que teve uma tiragem inicial de 3 mil exemplares.

Outra experiência importante para o surgimento da Casa da Ponte foi a participação em Recife, entre 2012 e 2016, de encontros, atividades e cursos, autofinanciada, com espaços e instituições culturais locais. Foi um momento de muitos aprendizados, no qual estivemos com artistas da cena cultural pernambucana. Foi durante essa passagem em Recife que fomos apresentados a algumas casas culturais, quando nem imaginávamos fazer parte desse segmento cultural. É muito curioso e sincrônico que, mesmo antes de criar a Casa da Ponte, estivemos conhecendo projetos de casas culturais. Destacamos dois espaços-casas que conhecemos e com os quais estabelecemos parceria: o primeiro é a Casa de Olinda⁸, idealizada e adquirida pela produtora Cibele Teixeira e o escultor Leo Santana, ambos mineiros, que nos abriu as portas e nos apresentou novos artistas e produtores; o segundo foi a Casa-Ateliê⁹ do artista plástico Luciano Pinheiro, também em Olinda, no alto da Sé, onde ele mora com a esposa, a arquiteta Vera Milet. Essas experiências foram importantes para o surgimento da Ponte Produções, em 2014, que começou com foco na produção em artes visuais e na mediação artística.

NASCIMENTO DA CASA

Essas experiências anteriores, como as que relatamos do senhor Manoel, de Dona Conceição e outras, somadas a nossa trajetória e a formações no campo das artes da educação e da cultura, constituíram o embrião para que tempos depois criássemos a Casa da Ponte, dando sequência a esse legado do cuidado que tem muito de ancestral, das experiências pré-teritas iniciadas com as nossas avós e depois continuadas com o senhor Manoel e Dona Conceição.

A Casa da Ponte foi criada em 2018 num movimento de ressignificar nossa própria casa como espaço de cultura, e mesmo que a nossa atuação inicial fosse em artes cênicas, artes visuais e educação, abriu-se a possibilidade de integrar a dimensão do acolhimento e do cuidado. Nesse momento, fez todo sentido convidar Dona Conceição para atender no espaço da casa e inaugurar assim atendimentos com foco no bem-estar físico e espiritual. Começamos esses atendimentos em março de 2018 e agora, em

8 <https://www.instagram.com/casadeolinda/>.

9 <https://www.instagram.com/atelielucianopinheiro/>.

2023, completamos cinco anos. Este ensaio está servindo também como um balanço desse período e uma maneira de seguir refletindo sobre as nossas ações.

Tínhamos imaginado como proposta inicial para a Casa da Ponte a produção de projetos na área da cultura, oficinas e vivências artísticas, apresentações de exposições, formação no campo das artes e articulação com outros espaços culturais do território. Mas as demandas no campo da saúde e a relação com Dona Conceição nos mobilizou de forma que mantivemos a proposta inicial e acrescentamos essa dimensão do cuidado.

A Casa da Ponte é um sobrado residencial num bairro urbanizado da Zona Oeste da cidade, servido por boa infraestrutura de transporte público, pois recentemente foi inaugurada a estação Vila Sônia do metrô, a cinco minutos do nosso endereço. O imóvel possui uma garagem aberta com jardim, onde temos plantas, ervas para chás, um pé de romã e um mamoeiro. Os cômodos são amplos, entre eles uma sala que virou espaço multiuso, com piso de madeira, que agora acolhe os encontros e atividades coletivas e expositivas. No mesmo piso temos um banheiro, a cozinha, um jardim de inverno com plantas e no fundo uma pequena lavanderia. No segundo piso temos quatro cômodos, um deles é a biblioteca, o outro o quarto de dormir e os outros dois foram transformados em sala de atendimento, sendo que um deles conta com uma estrutura de maca para as terapias corporais. Mesmo estando a Casa entre duas grandes avenidas e próxima do metrô, o bairro é tranquilo, silencioso e bem arborizado, onde ainda é possível ouvir sons de pássaros.

As adaptações na Casa não exigiram nenhum tipo de mudança estrutural e foi mantido seu estilo residencial. Hoje percebemos que essa decisão foi importante, pois a estrutura física da Casa, seus móveis, seu estilo dado por sua moradora, Marleth Alves, são parte do acolhimento. Quando as pessoas chegam à Casa da Ponte, não estão num consultório frio e impessoal, pelo contrário, as pessoas estão num *lar*, pessoal, íntimo, acolhedor como as casas eventualmente são. A Casa possui objetos de arte, de artistas populares conhecidos da família, mobílias afetivas e todos os demais móveis de uma residência, como geladeira, fogão etc. Inclusive continuo morando e dividindo o espaço que é, ao mesmo tempo, moradia e Casa de Cultura. Essa experiência é muito curiosa e desafiadora, residir no imóvel que disponibilizo para o público. Isso traz alguns desafios, como lidar com as dimensões do público e do privado, da separação ou não separação do tempo de trabalho do tempo de descanso, entre outros.

O primeiro ano da Casa foi um período de experimentação. Montamos uma programação privilegiando parceiros do território e, pontualmente, de outras regiões da cidade, que tivessem uma relação afetiva com a Casa.

Realizamos oficinas de arte, contação de histórias, práticas de yoga, aulas de teatro, atendimentos de benzimento, terapia de florais e massagem. Em 2019 tivemos a primeira exposição na Casa da Ponte, um evento público e aberto, intitulada *In Natura*, do fotógrafo Carlos Ximenes, que fala sobre o feminino. Foram quase quatrocentas pessoas que passaram pela exposição, até ser interrompida por causa da pandemia. Com o fechamento, tivemos que adiar a segunda exposição da Casa, da artista Rió Genoíno, moradora do território, que estávamos preparando.

Essa compreensão da Casa como espaço cultural, de cuidado, não foi imediata, foi se dando ao longo da caminhada. Com certeza, uma contribuição ímpar foi a nossa participação na programação do projeto Casas: espaços de produções culturais e no curso de Gestão Cultural, ambos no CPF do Sesc. Essas duas experiências possibilitaram conhecer esse universo das casas, promovendo comunicação, articulação e apoio mútuo. Ajudou-nos a entender a importância, o alcance, os desafios desse trabalho, rever e repensar rotas, caminhos e visualizar o futuro em coletivos e redes, ajudando, inclusive, a moldar melhor o trabalho que estávamos iniciando.

Em dezembro de 2019, o Sesc convidou a Casa da Ponte para uma apresentação na programação do Projeto Casas. Uma semana depois, houve uma programação no CPF com Dona Conceição, com o tema “Cura, bênçãos e rezas”, uma produção da Casa da Ponte. Em 2022, a partir de outro convite do CPF, promovemos a curadoria e a mediação da atividade Bendizer, rezar, abençoar: vivência, cultura e contemporaneidade do rezo. Estiveram presentes rezadores, crentes, não crentes, convidados, pessoas que queriam entender como, em pleno século XXI, a cultura milenar do cuidado espiritual segue vigorosa, propondo que as pessoas não descuidem dessa importante dimensão. Talvez nunca tenham sido tão necessárias essas reconexões com a dimensão espiritual, do sagrado e da natureza, não somente no plano individual subjetivo, mas numa dimensão maior, coletiva, comunitária, social e das instituições.

Quando caminhávamos para completar dois anos do projeto, foi preciso parar tudo, em decorrência da pandemia de Covid-19. Ficamos quase seis meses totalmente parados, sem fazer nenhum trabalho. Tomamos uma decisão que foi essencial para a nossa sobrevivência existencial e material. Como tínhamos já estabelecido na Casa a dimensão do cuidado através dos atendimentos com Dona Conceição e alguns terapeutas, recebíamos ligações diárias, de pessoas pedindo auxílio, amparo e reza. A primeira ação foi pensar rapidamente como solucionar o problema do atendimento, que não podia ser presencial, para continuar ajudando as pessoas. Abrimos um plantão de acolhimento e escuta, com terapeutas

voluntários, que atendiam por telefone. As pessoas conversavam, eram ouvidas, tiravam dúvidas e recebiam orientações. Por ser um atendimento não presencial, acabamos por acolher pessoas de vários lugares do Brasil e até alguns poucos do exterior — uma pessoa da Alemanha e outra da Espanha.

A partir da curadoria do Projeto Casas, gestores e produtores de casas culturais começaram a se reunir, por iniciativa de alguns dos participantes, até que se formou um grupo organizado pelo gestor e pela gestora da Casa Goiaba, que vinha mapeando espaços culturais e encabeçou um projeto de pesquisa. Esse movimento gerou muita conexão e articulação entre algumas casas da Grande São Paulo, que se organizam numa rede colaborativa batizada de Oceano Cultural.

As casas, como espaços culturais, apresentam propostas humanizadas, íntimas e subjetivas. Buscam um grau de distinção e sentido que é próprio, por suas características. As casas são únicas e possuem uma identidade própria, dada pelas pessoas que nelas habitam ou desenvolvem algum trabalho. Sua arquitetura normalmente é acolhedora, aconchegante e remete às nossas próprias casas, sonhadas ou reais. Estão localizadas normalmente em áreas carentes de equipamentos culturais. A experiência com casas tem a ver com o sentido da vida, basta lembrar que uma das primeiras necessidades humanas foi constituir abrigo para se proteger das intempéries. Não é pouca coisa o que as casas culturais espalhadas pelo território brasileiro são, representam e realizam em benefício das pessoas.

MAS, HOJE, O QUE É CASA DA PONTE, NESSE OCEANO DE CASAS CULTURAIS?

A Casa da Ponte é uma casa cultural que compreende a importância e a necessidade do autoconhecimento e do autocuidado, do desenvolvimento humano na sua integralidade, onde a espiritualidade tem lugar de destaque, pois promove a vida para além da materialidade. Somos um segmento cultural auto-organizado, autossustentável, independente e autogerido. Nossa receita provém das atividades desenvolvidas e realizadas no ou pelo espaço. Fazemos parcerias e participamos de projetos de terceiros. Podendo participar, também, de editais públicos.

Quando as pessoas chegam à Casa da Ponte com problemas, elas são acolhidas, realizamos escutas para compreender o que as aflige e, a partir daí, buscamos construir a solução. Realizamos os cuidados necessários para ajudar a pessoa a se recuperar. São problemas de várias ordens: depressão, de relacionamento, cansaço, dores físicas e psíquicas. Problemas de ordem econômica e financeira também aparecem. Mas com o tempo e

o atendimento, vamos vendo a mudança acontecer. Essa ação não exclui a ajuda médica e especializada, que é fundamental, pois a Casa não visa substituir a rede de proteção e de saúde (SUS), mas se somar a ela, ser um espaço a mais de cuidado e proteção da vida.

Cuidar é uma dádiva, receber cuidado deve ser um direito. Esse direito se articula com outros: o direito de ser visto, o direito de ser considerado, o direito ao descanso, o direito ao afeto, o direito de pouso, o direito ao pão, o direito ao lar, o direito à criação, o direito de Ser e Estar no mundo com amorosidade e dignidade (FREIRE, 2008, p. 67). Ninguém consegue seguir viagem com fome, com sede, sozinho, desconsiderado e violentado. Todos temos o direito à vida e à dignidade.

Atualmente, na Casa, seguimos com os atendimentos espirituais de Dona Conceição no formato híbrido, as terapias corporais e integrativas, a produção de projeto editoriais e a assessoria de projetos culturais. Estamos sonhando novas ações, entre elas, um mapeamento dos rezadores do estado de São Paulo e uma programação comemorativa dos cinco anos da Casa.

A Casa da Ponte é um espaço de pouso no meio do caminho que espera por você, para possibilitar o encontro consigo mesmo, em meio aos ruídos internos e externos, às inquietações, acelerações, aos egoísmos, às vaidades, em direção à busca de sentido, beleza, unidade e encontro com o mistério, o sagrado em nós. Esperamos congregar, ao longo da travessia, cada vez mais pessoas promotoras de vida.

Derrubemos os muros e construamos pontes para fazer a travessia!

REFERÊNCIAS

- BOFF, Leonardo. *Ética da vida*, Brasília: Letraviva, 1999.
- _____. “Tempos de crise – Tempos de cuidado”. *Leonardo Boff* (blog), 11 maio 2012. Disponível em: <https://leonardoboff.org/2012/05/11/tempos-de-cri-se-tempos-de-cuidado/>.
- FIGUEIREDO, Maria da Conceição Pereira. *Mensagens Proféticas*, São Paulo: Cosmos, 2015.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- LARROSA BONDÍA, Jorge. “Notas sobre o saber da experiência”. *Revista Brasileira de Educação*, n. 19, pp. 20-28, jan-abr. 2002.
- RIBEIRO, Katiúscia. “O futuro é ancestral”. *Le Monde Diplomatique Brasil*, São Paulo, 19 nov. 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/o-futuro-e-ancestral/>.
- VIEIRA JR., Itamar. *Torto Arado*. São Paulo: Todavia, 2019.